

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 06/02/2021.

**BRUNA CAROLINA DE ALMEIDA SALLES**

**ITINERÁRIOS DA DECADÊNCIA:  
nação, regionalismo e o processo de modernização em *Fogo  
Morto e Ilhéu de Contenda***

**ASSIS  
2019**

**BRUNA CAROLINA DE ALMEIDA SALLES**

**ITINERÁRIOS DA DECADÊNCIA:  
nação, regionalismo e o processo de modernização em *Fogo  
Morto e Ilhéu de Contenda***

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em Letras (Área do Conhecimento: Literatura e vida social).

Orientador: Rubens Pereira dos Santos

Bolsista: FAPESP/CAPES  
(Processo nº 2014/12385-7)

ASSIS

2019

S168i

Salles, Bruna Carolina de Almeida

Itinerários da decadência : nação, regionalismo e o processo de modernização em Fogo morto e Ilhéu de contenda / Bruna Carolina de Almeida Salles. -- Assis, 2019

204 f. + 1 CD-ROM

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Rubens Pereira dos Santos

1. José Lins do Rego. 2. Henrique Teixeira de Sousa. 3. Decadência. 4. Modernização. 5. Literatura Comparada. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA TESE:** ITINERÁRIOS DA DECADÊNCIA: nação, regionalismo e o processo de modernização em *Fogo Morto e Ilhéu de Contenda*

**AUTORA: BRUNA CAROLINA DE ALMEIDA SALLES**

**ORIENTADOR: RUBENS PEREIRA DOS SANTOS**

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em LETRAS, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. RUBENS PEREIRA DOS SANTOS  
Departamento de Literatura / UNESP/Assis

Prof. Dr. GILBERTO FIGUEIREDO MARTINS  
Departamento de Literatura / UNESP/ASSIS

Profa. Dra. TÂNIA REGINA DE LUCA  
Departamento de História / UNESP/ASSIS

Prof. Dr. JÚLIO CÉSAR MACHADO DE PAULA  
UFF / Niterói-RJ

Profa. Dra. JULIANA SANTINI  
Departamento de Literatura / UNESP/Araraquara-FCL

Assis, 06 de fevereiro de 2019

*Dedico este trabalho ao Prof. Rubens Pereira dos Santos e ao primeiro grupo constituído em torno dele para os estudos das literaturas africanas de língua portuguesa no curso de Letras da UNESP/Assis.*

## AGRADECIMENTOS

Os caminhos que levaram à concretização desta pesquisa nos conduziram a pontes e travessias que só foram possíveis de serem percorridas devido ao apoio de muitas pessoas e algumas instituições, às quais dedico toda gratidão. Começo por expressá-la ao meu orientador, Prof. Rubens Pereira dos Santos, que me acompanhou por essa longa jornada com uma paciência e serenidade que em poucos conheci.

À FAPESP/CAPES pelos apoios institucional e financeiro que proporcionaram à realização integral da pesquisa e também o seu pleno desenvolvimento – processo nº 2014/12385-7, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

A essa agência de fomento também devemos a aquisição de livros fundamentais à biblioteca da UNESP/Assis, os quais poderão ser utilizados em pesquisas futuras que possam vir a se dedicar ao campo científico em que se insere este trabalho.

À figura invisível, mas sempre decisiva, do parecerista que demonstrou continuamente respeito pela pesquisa e comprometimento com os seus resultados, de modo que, sem os seus apontamentos, os frutos dela poderiam ter sido outros.

Agradeço à Fundação Casa de Rui Barbosa pelo acolhimento e suporte oferecido nos períodos de consulta aos documentos do acervo pessoal de Ribeiro Couto, especialmente, na pessoa de Claudio Vitena.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Assis, sobretudo, aos funcionários que, entre solicitações e documentos, sempre procuram agir com solicitude e empatia.

Aos funcionários da biblioteca "Acácio José Santa Rosa" da UNESP/Assis.

E também ao Escritório de Pesquisa, especialmente, na pessoa de Márcio Carvalho, pelo amparo técnico oferecido.

À Prof. Simone Caputo Gomes (USP) pela indicação do acervo supracitado.

A Joaquim Saial (Portugal), cujo interesse em comum pela literatura cabo-verdiana e, especialmente, pela obra e vida de Teixeira de Sousa possibilitou encontros quando eu me acreditei perdida.

Deixo aqui registrada também a minha gratidão ao Prof. Fernando Mourão (*in memoriam*), pelos direcionamentos quanto aos arquivos necessários à pesquisa e ainda por ter

sido um dos primeiros intelectuais a incentivar com grande afinco o diálogo no qual se insere este trabalho.

Ao Prof. Francisco Topa (Universidade do Porto – Portugal), pelo prontificado envio de material bibliográfico e pela amizade científica dedicada ao Brasil.

À Fabiana Miraz de Grecco Freitas por disponibilizar também materiais bibliográficos cruciais com admirável disposição.

Ao Prof. Márcio Roberto Pereira (UNESP/Assis) pelas conversas e direcionamentos na fase inicial da pesquisa.

Ao Prof. Gilberto Figueiredo Martins (UNESP/Assis), pela inspiração que suscitou, por meio de suas aulas, a realização da comparação das duas obras, assim como, pela leitura e avaliação crítica do trabalho nas ocasiões da qualificação e da defesa.

À Prof. Tania Regina de Luca (Unesp/Assis), pelo contributo científico de que a tese se aproveita e pelas leituras críticas e atenciosas também a propósito da qualificação e da defesa.

Ao Prof. Júlio Cesar Machado de Paula (UFF), cuja Dissertação de Mestrado constituiu um dos primeiros contatos com a literatura comparada entre Brasil e Cabo Verde, tendo sido como que a porta de entrada para esse universo de relações. Também lhe sou grata pela leitura deste trabalho, e por seu contributo crítico, a propósito da defesa.

À Prof. Juliana Santini (UNESP/Araraquara) pela avaliação da tese no momento de sua defesa, assim como pelos apontamentos pertinentes e generosos.

Aos amigos de jornada acadêmica, Clauber Cruz, Ana Maria Lange, Daniela Oliveira, Rafael Alves, agradeço os colóquios e os momentos de trocas de ideias, elaborações de projetos, trabalhos técnicos e, principalmente, por terem sido grandiosas companhias.

Ao meu marido Wesley, pela compreensão e apoio incondicionais expressos nos atos, nas palavras, nos abraços, na paciência com que suportou minhas ausências, nas muitas xícaras de café, que transbordavam também de incentivos, e nas taças de vinho que revigoraram as forças.

Nessas concisas linhas deixo expressa minha gratidão a todos pelo contributo científico e, sobretudo, humano que essas relações proporcionaram nesse curto, e intenso, período de pesquisa.



SALLES, Bruna Carolina de Almeida. **Itinerários da decadência: nação, regionalismo e modernização em *Fogo Morto* e *Ilhéu de Contenda***. 2019. 204f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

## RESUMO

A presente pesquisa toma como *corpus* analítico dois romances que tematizam a decadência em sua relação com o processo de modernização no Brasil e em Cabo Verde no decorrer do século XX. Trata-se, respectivamente, de *Fogo morto* (1943), do escritor brasileiro José Lins do Rego (1901-1957); e *Ilhéu de contenda* (1978), do escritor cabo-verdiano Henrique Teixeira de Sousa (1919-2006). Para isso, ela explora o universo das relações intelectuais no circuito de interação criado pela língua portuguesa, concebendo-o como um espaço de negociações, trocas e transferências culturais e literárias que foi imprescindível para o endosso das relações culturais e literárias entre os movimentos modernistas de cada margem do Atlântico. Busca-se extrair das escolhas formais que permeiam o tratamento dado por cada autor à decadência – considerado em sua intrínseca e densa ligação com o processo de modernização e com o modo pelo qual ele foi imaginado em cada sociedade mediante suas respectivas interpretações sociológicas –, as soluções literárias apresentadas para a construção do tema e suas incidências sobre a fatura final de cada romance.

Palavras-chave: José Lins do Rego, Henrique Teixeira de Sousa, Decadência, Modernização, Literatura Comparada.

SALLES, Bruna Carolina de Almeida. **Itineraries of decadence: nation, regionalism and modernization process in *Fogo Morto* and *Ilhéu de Contenda***. 2019. 204f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

## ABSTRACT

The present research takes as analytical corpus two novels two novels that thematize the decadence in its relationship with the modernization process in Brazil and in Cabo Verde in the course of the 20<sup>th</sup> century. Thereby, we intend to analyse the novels *Fogo morto* (1943), by the Brazilian writer José Lins do Rego (1901-1957); and *Ilhéu de contenda* (1978), by the Cape-verdean writer Henrique Teixeira de Sousa (1919-2006) in a comparative perspective. With this aim, the thesis explores the universe of intellectual relations in the interaction circuit created by the Portuguese language, conceiving it as a negotiating space, exchanges and cultural and literary transfers which was essential for the endorsement of cultural and literary relations between the modernist movements of each Atlantic margin. We intend to extract from the formal choices that permeate the treatment given by each author to decay – considered in its intrinsic and dense connection with the process of modernization and with the way which he was imagined in each society through their respective sociological interpretations –, the literary solutions presented for the construction of the theme and its implications on the final invoice of each novel.

Keywords: José Lins do Rego, Henrique Teixeira de Sousa, Decadence, Modernization, Comparative Literature.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>O tema da decadência ocidental e os modernismos</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	27
<b>Sentidos da literatura comparada no Brasil</b> .....	27
1. Consolidação e circulação: o campo intelectual e editorial brasileiro .....	33
2. Difusão da literatura brasileira.....	38
2.1 A literatura brasileira em Portugal (1920-1940) .....	48
2.2 A literatura brasileira em Cabo Verde e notícias da literatura cabo-verdiana no Brasil .....	59
2.3 Cabo Verde: o campo intelectual e o papel da revista <i>Clareidade</i> .....	69
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	75
<b>Modernismo e regionalismo no Brasil: formulação e difusão de conceitos interpretativos</b> .....	75
1. Contraste e dissonâncias .....	78
2. O articulador da “fraternidade regional”: um projeto para a nação .....	85
3. Luso-tropicalismo de salvação: a apropriação do discurso freyreano pelo Estado Novo português .....	97
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	102
<b>O movimento modernista cabo-verdiano: força e ambiguidades</b> .....	102
1. Fases e fundamentos claridosos .....	104
2. <i>Certeza</i> e o neorrealismo: diretrizes de uma ficção comprometida .....	110
3. A recepção do luso-tropicalismo em África .....	112

4. Luso-tropicalismo em Cabo Verde ou “o canto da sereia” .....	116
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	130
<b>Romancistas da decadência</b> .....	130
1. Dramas coletivos, destinos individuais: a modernização e a decadência do patriarcado rural em <i>Fogo morto</i> e <i>Ilhéu de contenda</i> .....	134
1.1 Unidades perdidas: desequilíbrios encontrados .....	135
1.2 Estruturas rompidas: equilíbrios alcançados .....	168
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	189
<b>FONTES E DOCUMENTOS</b> .....	196
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	196

## APRESENTAÇÃO

A pesquisa que aqui se apresenta como Tese de Doutorado nasceu da leitura simultânea, e totalmente casual, das duas obras que compõem o seu *corpus* analítico. Na circunstância, o romance *Ilhéu de contenda* fazia parte de nossa pesquisa de Mestrado, voltada para o estudo dos eixos temáticos cabo-verdianos, especificamente abordados na trilogia de romances de Henrique Teixeira de Sousa, formada por *Ilhéu de contenda* (1978), *Xaguete* (1987) e *Na Ribeira de Deus* (1992).

O estudo dessa saga literária se nos revelava em suas potencialidades de diálogo com os estudos de interpretação do Brasil, na medida em que apresenta uma profunda imbricação entre a forma romanesca e aquele tipo de ensaísmo sociológico que buscava elencar os elementos considerados determinantes para sintetizar e caracterizar a sociedade.

A releitura de *Fogo morto*, por sua vez, se deu pelo fato dessa obra compor a bibliografia da disciplina “Literatura e Modernização – Experiência urbana, formas de sociabilidade e modos de subjetivação em obras literárias dos séculos XX e XXI”, ministrada pelo Prof. Dr. Gilberto Figueiredo Martins no segundo semestre de 2011, e cursada como requisito parcial para o desenvolvimento da pesquisa (de mestrado) junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp/Assis.

Naquele momento, não apenas a confluência das leituras foi uma motivação para o trabalho comparativo ora realizado, como também o estudo simultâneo das temáticas cabo-verdianas trabalhadas na obra de Teixeira de Sousa e o aprofundamento analítico do romance de José Lins do Rego, nos termos propostos pela disciplina (literatura e modernização), foram essenciais para a concepção de um futuro projeto de pesquisa.

O interesse pela literatura cabo-verdiana e pela brasileira impulsionou um estudo que foi se mostrando fundamental e particularmente relevante para expandir a perspectiva comparativa praticada no Brasil, ao perscrutar um novo horizonte geográfico para tratar das transferências culturais.

## INTRODUÇÃO

### O tema da decadência ocidental e os modernismos

A análise de uma obra literária implica situá-la em um tempo e um espaço, ainda que sua essência alcance a transcendentalidade que faz com que o seu significado possa se desprender de sua origem. O trabalho analítico pressupõe, entretanto, a compreensão dos valores que são – consciente ou inconscientemente – reproduzidos em uma obra. Isso porque eles lapidam não apenas a percepção de mundo do autor em relação à sociedade em que vive, mas também as suas escolhas estéticas e temáticas.

Partimos do pressuposto de que a literatura traduz, por meio de signos linguísticos, a relação do homem com o mundo a partir de um trabalho estético de seleção e condensação que resulta, necessariamente, de uma interpretação do meio social, a qual mantém uma correlação entre a imaginação e a interpretação da realidade de seu autor. Conforme denota Pierre Bourdieu:

[...] a intenção artística mais “pura” não escapa completamente à Sociologia, porque, como vimos, ela deve a um tipo particular de condições históricas e sociais a possibilidade de se constituir e, também, porque está obrigada a se referir à verdade objetiva que lhe é remetida pelo campo intelectual. A relação que o criador mantém com sua obra é sempre ambígua, e algumas vezes contraditória, na medida em que a obra cultural, enquanto objeto simbólico destinado a ser comunicado, enquanto mensagem que pode ser recebida ou recusada, reconhecida ou ignorada, e com ela seu autor, tira não somente o valor – que pode ser medido pelo reconhecimento dado pelos pares ou pelo grande público, pelos contemporâneos ou pela posteridade – mas também sua *significação e sua verdade* daqueles que a recebem tanto quanto daquele que a produziu. (BOURDIEU, 1968, p. 115-116).

Nessa acepção, o escritor está condicionado a receber influxos que interferem diretamente no seu projeto criador, determinando a concepção e o sentido da recepção de sua obra.

Em *Literatura e sociedade* (2006), Antonio Candido trata, como mote introdutório, das diferentes abordagens ocidentais que a relação entre a crítica literária e a sociologia suscita quanto à análise do texto literário, observando que, muitas vezes, elas se afastam da função crítica de observação do texto para tratarem apenas dos aspectos “externos” à obra (CANDIDO, 2006, p. 14).

Tendo em vista esse risco – sobretudo quando ocorre, como nos casos dos romances aqui selecionados, uma profunda imbricação entre a obra e seu contexto social –, há que se ter como premissa que a obra literária é acima de tudo uma construção, e caracterizá-la a partir de um estudo científico pressupõe a compreensão de suas partes estruturais para que se possa atribuir sentido à função que desempenham dentro de sua coesão estética.

Desse modo, entendemos que a centralidade de determinado tema em uma obra literária é também definida mediante as suas linhas de força que podem ser traçadas por meio da compreensão dos influxos que o autor recebeu na circunstância de sua concepção, isto é, tanto na sua construção estética (forma), elaborada em consonância com as ideias de um campo intelectual e artístico, quanto nos liames sociais e históricos (contexto) que condicionaram a construção do seu sentido.

Dito isto, cabe ressaltar que em ambas as obras que nos propomos a analisar, o tema da decadência assume uma aura tão fascinante quanto complexa. A explicação para a sua complexidade está no fato de que ele reúne em torno de si elementos dos mais distintos que se relacionam a dois sistemas de representação: o da tradição e o da modernização.

A dimensão fascinante, por sua vez, fica por conta da dimensão escatológica que a representação do indivíduo, e da sociedade na qual ele se insere, ganha no âmbito desse embate, que transpõe para a ficção os intrincados travestimentos que a querela entre antigos e modernos suscitou na reconfiguração das sociedades no decorrer do século XX. E, mais que isso, como os autores trataram da questão da representação desses conflitos em uma acepção cultural identitária.

Ao interpelar essa complexa dubiedade suscitada pela temática, ou talvez seja mais propício dizer, esse dualismo simbólico entre tradição e modernização formalizado nos romances *Fogo morto* e *Ilhéu de contenda*, deve-se concebê-lo no âmbito de uma discussão mais ampla em que se inclui uma profunda reformulação política e cultural, sobretudo, no contexto ocidental.

Desse modo, quando analisado de uma perspectiva ampla, o tema da decadência se revela como uma constante na literatura do século XX por refletir, perante a nova conjuntura mundial (acirrada pelo contexto bélico das guerras mundiais e dos conflitos civis pela disputa de territórios) uma espécie de *leitmotiv* nas esferas culturais, sociais e literárias.

Se referindo a esse cenário, Leyla Perrone-Moysés define a literatura como um fenômeno emerso em grandes transformações que compreenderam e acompanharam também profundas mudanças nas concepções de cultura e estética:

O tema da decadência do Ocidente, que surgiu no fim do século XIX e atravessou todo o século seguinte, inaugurou-se como uma crítica cultural saudosa do passado e temerosa da modernidade, confirmou-se como crítica histórica e política em reação às guerras do século XX, para chegar até os nossos dias como crítica econômica. Qualquer que seja o enfoque, o tema da decadência sempre esteve ligado a questões culturais e estéticas, e estas se tornaram cada vez mais complexas, tanto do ponto de vista da produção como do ângulo da recepção. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 29).

O intrincado processo genericamente aludido por Perrone-Moysés desencadeou amplas discussões que do âmbito econômico foram levadas ao patamar cultural e estético, refletindo a inextricável relação entre as mudanças literárias e as sociais.

Essa viragem conceitual colheu frutos dos estudos sociais e antropológicos então em voga no início do século XX. Enquanto expressão de seu tempo, a literatura incorporou esses novos conceitos interpretativos. E mais que isso, dialeticamente, nutriu-se deles.

Nessa esteira, podemos situar a decadência como a pedra de toque para se pensar as questões mais urgentes e fundamentais tanto com relação à adoção de novos critérios estético-literários propagados pelos movimentos modernistas, quanto aos novos parâmetros interpretativos, sobretudo, para as sociedades periféricas, que emanam de variados agrupamentos intelectuais ciosos de reconhecimento junto à intelectualidade ocidental, como nos casos latino-americanos e africanos.

Embora em estágios e por ângulos diferentes, tanto os intelectuais latino-americanos quanto os africanos buscaram, no decorrer do século XX, definir suas sociedades a partir de uma perspectiva cultural autêntica que, não obstante, não excluiu a relação com a Europa, mas atribuiu novo sentido a ela. Por conta disso:

Falar com percepção e sensibilidade da arte modernista do final do século XIX até o período pós-1945 é falar de uma pluralidade de tendências relacionadas mas também notavelmente divergentes e até refratárias, algumas das quais se baseavam num multiculturalismo amplo e faziam parte de um desenvolvimento desigual e não linear que se contrapõe ao conceito linear de progresso histórico intrínseco à modernização ocidental. (CRAVEN, 2013, p. 138).

Na definição de David Craven, o modernismo<sup>1</sup> na América Latina assumiu uma dimensão “alternativa” em relação às vanguardas europeias, sobretudo, porque esteve ligado

---

<sup>1</sup> A origem do termo “modernismo”, como afirma o autor, se liga a um escritor situado “na periferia da ordem econômica mundial” (CRAVEN, 2013, p. 139), Rubén Darío (1867-1916), da Nicarágua. Conforme Craven, o sentido do termo esteve associado tanto na literatura quanto na pintura a uma postura contraposta ao imperialismo.



às questões de identidade cultural (nacional e regional) em uma acepção não eurocêntrica e claramente combativa de convenções ortodoxas imperialistas.

Em *Uma literatura nos trópicos*, Silviano Santiago enfatiza que “a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade e pureza*” (SANTIAGO, 2000, p. 20). Assim, analogamente, a formulação de novas teorias sociológicas latino-americanas baseadas em noções como hibridismo, mestiçagem e multiculturalismo, opostas aos conceitos supracitados, causou uma profunda inversão ideológica no que concerne ao aparato cultural ocidental, que serviu de argumento, mediante um processo de apropriação, aos intelectuais africanos no enfrentamento do colonialismo.

Da América à África, o modernismo se fortaleceu, para definirmos em termos genéricos, como crítica aos purismos culturais. Amplamente ancorado na ideia de mosaico, traduzida como tratado por Craven (2013) em conceito estético, arquitetônico, linguístico de “colagem” e sobreposição entre o novo e o velho, os modernismos latino-americanos foram capaz de expressar por meio das artes e da literatura a afirmação de uma identidade cultural que rejeita o padrão externo, para construir e promover sua própria autonomia conceptiva, na tentativa de superar alguns de seus profundos paradoxos.

Ao refletir sobre a decadência do velho modelo europeu ocidental de cultura, já insuficiente para explicar a nova ordem que surgia, os intelectuais latino-americanos se fiaram à ideia do multiculturalismo justamente por ela oferecer uma abertura para a construção de novos modelos culturais, que pode ter servido de convite à insurgência no continente vizinho<sup>2</sup>.

Essa abordagem demarca a ênfase discursiva em torno da questão da identidade nacional que baliza a conjuntura mundial do século XX, marcado pelas independências políticas de antigas colônias e por uma crescente demografia no denominado “terceiro mundo” (HOBSBAWM, 1995, p. 337).

Emana desse íterim a relação que os escritores do século XX estabelecem com outras áreas do conhecimento visando empregar na construção das novas obras pontos de

---

<sup>2</sup> A África, por sua vez, vê surgir intelectuais fundamentais do anticolonialismo. Arte, cultura e política se misturam consecutivamente nas obras de Léopold Sédar Senghor (1906-2001), Aimé Césaire (1913-2008), Frantz Fanon (1925-1961), Édouard Glissant (1928-2011) que se tornam importantes teorizadores dos problemas relacionados à identidade cultural africana.

vista que até então não interessavam à literatura, ou não eram aceitos pelos códigos estabelecidos para a sua validade em um concerto maior de obras.

O ponto no qual essa “validação” passa a ser contestada em função de uma afirmação que emana da constituição de um campo composto para reivindicar a sua autonomia interpretativa é demarcado pela adoção da perspectiva regionalista. Conforme aponta Candido em seus ensaios sobre a *Formação da literatura brasileira*, se recorreu ao conceito de regionalismo sempre que se propôs pensar a literatura como expressão da nacionalidade, de modo que ela assume duas principais acepções no contexto brasileiro: a romântica e a modernista.

Para explicar a reincidência da estética regionalista sob o prisma das discrepâncias que marcam os diferentes momentos em que ela ocorre na literatura brasileira, Juliana Santini (2014) parte de uma diferenciação fundamental entre o regionalismo romântico e o modernista, uma vez que o projeto romântico propunha o meio mais como pano de fundo de seus personagens do que, de fato, em termos de uma relação dialética e crítica da qual emergisse uma tensão, conforme vai ser explorado pelo chamado romance de 30 (BUENO, 2006).

No romance indianista, o dado local contestava, por se adequar mal à forma importada, a hegemonia de um modelo ficcional, que embora se afirmasse como universal, na concepção eurocêntrica então predominante, não admitia uma fácil transposição a contextos dissonantes da realidade europeia. No Modernismo, conforme analisa Santini, a contestação se erige em dupla dimensão dentro de uma perspectiva interna que tem em vista a centralização no eixo Rio-São Paulo e a proposta de federalização do Centro Regionalista do Nordeste; e no bojo dessa discrepância, a desigualdade pela qual se processou a modernização nacional. Assim, também a manifestação contemporânea do regionalismo se dá em termos contrastivos, sobretudo, levando-se em conta a tradição histórica de regiões longínquas que permaneceram parcialmente alheias ao processo de urbanização e industrialização (SANTINI, 2017, p. 121-122).

Ao tratar especificamente das recorrências dessa tradição na literatura brasileira, José Maurício Gomes de Almeida afirma a importância que o romance nordestino teve para a eleição de modelos nacionais: "Com a geração de 30, tanto na prosa como na poesia, o novo estado de coisas se afirma com mais vigor, sendo mesmo possível falar-se, no campo do romance, em uma hegemonia nordestina". (ALMEIDA, 1999, p. 205).

O papel do regionalismo esboçado por Gilberto Freyre (1900-1987) nos anos 1920 é concebido no âmbito dessa necessidade de reinterpretção que motivou os romancistas nordestinos a representarem a identidade brasileira em termos das discrepâncias que ela admitia, perante a constatação da disparidade que a modernização impingia na da configuração da vida das diferentes regiões brasileiras, moldando-as pelo choque entre as novas técnicas que se projetavam em realidades ainda essencialmente primitivas.

Apesar das diversas imputações que sofreu da crítica, sobretudo pelo tradicionalismo de seu pensamento, Gilberto Freyre continua sendo um intelectual importante para se compreender o processo de emulação da moderna identidade cultural brasileira, podendo ser situado, como afirmam os autores de *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre* (2009), na vanguarda dos estudos pós-coloniais<sup>3</sup>, uma vez que:

As ideias de Freyre são particularmente relevantes hoje por razões tanto políticas quanto acadêmicas. Sua sugestão de que os brasileiros devem se aceitar como uma mistura de grupos étnicos e de culturas, em vez de se fragmentarem entre ítalo-brasileiros, germano-brasileiros, afro-brasileiros e assim por diante, é ainda uma questão atualíssima no Brasil (e igualmente em muitas partes do mundo por causa da globalização). No cenário acadêmico, sua mistura de sociologia e antropologia com história e literatura (outra forma de hibridismo!), era não-ortodoxa em sua própria época – o momento da ascensão dos métodos quantitativos – mas hoje é levada mais a sério. O interesse dele por gênero, etnicidade, hibridismo, identidade, patrimônio cultural e pelos problemas da periferia garantem que suas ideias ainda sejam atuais. (PALLARES-BURKE; BURKE, 2009, p. 28).

O protagonismo da mestiçagem na identidade cultural brasileira, tal como difundido pela obra do sociólogo, constituiu-se como que em uma bandeira que foi erigida, pela primeira vez, em função de sua autonomia. Talvez a implicação mais relevante que esse discurso teve para a postura do intelectual brasileiro, no plano ideológico, foi a de livrar-se da ideia convencionalmente difundida e reproduzida, até inícios do século XX, de que era preciso alcançar um ideal de branqueamento para que o país pudesse “se civilizar”.

Sem entrar nas controvérsias que, muitas vezes, a análise freyreana suscita em relação a uma igualdade propriamente dita entre essas diferentes partes na formação da

---

<sup>3</sup> Nas palavras de Inocência Mata: “O pós-colonialismo pressupõe, por conseguinte, uma nova visão da sociedade que reflecte sobre a sua própria condição periférica, tanto a nível estrutural como conjuntural. Não tendo o termo necessariamente a ver como a linearidade do tempo cronológico, embora dele decorra, pode entender-se o pós-colonial no sentido de uma temporalidade que agencia a sua existência após um processo de descolonização e independência política – o que não quer dizer, a priori, tempo de independência real e de liberdade, como o prova a literatura que tem revelado e denunciado a internalização do outro no pós-independência.” (MATA, 2007, p. 39).

sociedade brasileira, importa destacar que Freyre foi um desconstrutor de purezas (PALLARES-BURKE, 2009) ao mesmo tempo que um “arquiteto do hibridismo” (MELO, 2014, p. 70), daí a ênfase de seus parâmetros analíticos em termos de “equilíbrio de antagonismos” para definir e caracterizar a síntese de diferentes binômios histórico-sociais na definição da sociedade brasileira.

A obra de José Lins do Rego (1901-1957) está particularmente associada aos temas da sociologia freyreana e temporalmente imbuída no contexto da formulação da moderna identidade cultural e literária brasileira. Por isso, e por conta da longa parceria com o editor José Olympio, esse autor alcançou grande notoriedade nacional a ponto de ser considerado como um dos mestres do tema da decadência (CANDIDO, 2004, p. 58), não apenas pela frequência com que o aborda, como também pelo conseguido estético alcançado com *Fogo morto* (1943).

“Trago ao convívio de doutos e mestres a simplicidade de um falar ligado ao povo” (MONTELLO, 2001, p. 9). Essas foram as palavras proferidas por José Lins do Rego ao tomar posse, em 15 de setembro de 1955, da cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo Ataulfo de Paiva. Elas deixam transparecer, ao mesmo tempo, a importância e a consciência que o autor demonstra a respeito de sua incursão entre os grandes nomes eleitos pela Academia, permitindo presumir que o reconhecimento alcançado pela sua obra, e pela expressão popular nela contida, haviam levado o “povo” para dentro do mais elevado panteão da instituição literária brasileira.

Por fazer parte da aristocracia nordestina decadente, José Lins se envolveu integralmente com o Movimento Regionalista que lhe fora contemporâneo, tornando-se uma das maiores figuras de contestação do modernismo “futurista” no Nordeste (AZEVEDO, 1984).

A sua característica passionalidade o tornou um assíduo defensor da cultura nordestina e dos interesses do Nordeste, tanto na política, quanto na literatura. Tal como afirma Josué Montello:

Entre José Lins do Rego, como figura humana, e José Lins do Rego, como escritor, havia uma concordância perfeita. Ele pertencia a um tipo de homem de letras que se transfere integralmente para os seus escritos. A palavra que deixava no papel, com a ponta da pena, era a palavra que lhe saía da boca, no seu modo natural de exprimir-se. (MONTELLO, 2001, p. 8).

A naturalidade do estilo de José Lins do Rego refletiu-se de modo incisivo sobre a sua linguagem literária, a ponto de alguns críticos verem nele pouca imaginação e um excesso de nostalgia misturado a um intuito documental que tornava a sua obra uma elegia ao passado. Entretanto, o ritmo oral com o qual ele cadenciou as suas narrativas, ao contrário, não tinha nada de passadista. Era procedimento inédito na ficção brasileira.

Nesse sentido, na obra do romancista paraibano, a oralidade é mais que uma escolha lexical ou uma ferramenta de contraste para diferenciar a fala dos personagens pobres, como ocorre em obras anteriores da literatura brasileira. Ela é um princípio estético que consiste na habilitação da linguagem brasileira como linguagem literária, isto é, como expressão cultural.

Desse prisma, embora José Lins seja um escritor associado ao culto do passado nordestino, ele foi um conciliador de sua postura regionalista a um propósito de representação da cultura brasileira por meio de uma linguagem que emana de seu hibridismo imanente, na esteira da interpretação freyreana, buscando reproduzir esteticamente a sua plasticidade.

Enquanto um escritor que passou por um processo de amadurecimento, de vida boêmia e escrita panfletária ao “convertido” tradicionalista preocupado com questões escatológicas (PINTO, 2011), pode-se dizer que José Lins fiou-se à ambição intelectual de figurar entre os grandes romancistas brasileiros de sua época, o que o levou a repensar a perspectiva adotada na concepção de suas obras. A relação que estabelece com os escritores de Maceió em fins da década de 1920 e, mais tarde, na Casa José Olympio, é fundamental para a sua posição como romancista.

Assim, embora os seus primeiros romances tenham sido publicados com o largo fôlego de poucos escritores, de *Menino de engenho* (1932) a *Fogo morto* (1943), primeiro e último que têm como tema a vida nos engenhos nordestinos, opera-se um distanciamento sistemático da figura do narrador em relação ao universo narrado. Não apenas porque o primeiro romance é construído em primeira pessoa e o último em terceira; mas, também porque a perspectiva pela qual se desenvolve o enredo desta narrativa tem uma consequência direta sobre a fatura da obra, sinalizando uma mudança, ou adequação, de estilo: de narrador memorialista a intérprete da sociedade nordestina.

A proximidade da obra de José Lins do Rego em relação à obra de Gilberto Freyre equivale à da obra de Teixeira de Sousa (1919-2006) em relação à interpretação sociológica da sociedade cabo-verdiana propagada pela revista *Claridade* (1936-1960).

O percurso da revista, que foi a primeira publicação em Cabo Verde dissociada dos órgãos de imprensa coloniais, consistiu na interpretação da sociedade mestiça do arquipélago, promovendo para tanto uma profunda imbricação dentro de seu programa editorial, entre literatura e ensaio sociológico. Nesse intuito, o grupo claridoso buscou embasamento nos ensaios de Gilberto Freyre e na literatura regionalista brasileira.

A adesão à obra do sociológico pernambucano se deu no sentido de adotar semelhante interpretação para a formação cultural do arquipélago buscando, com isso, construir – com ferramentas sociológicas adequadas – a sua própria definição da síntese cultural cabo-verdiana.

Também a repercussão das obras brasileiras de 1930, especialmente as regionalistas, teve considerável impacto sobre essa geração de escritores que via nas expressões literárias do nordeste brasileiro semelhanças culturais e paisagísticas que faziam com que projetassem por meio delas uma profunda identificação.

A importância dessas duas principais referências para o modernismo cabo-verdiano pode ser balizada pelas menções que os próprios claridosos fazem nas publicações da revista desde o lançamento de seu primeiro número:

Podemos considerar em Cabo Verde dois grupos de cultura, senão totalmente diferenciados, pelo menos com características que em parte lhes definem fisionomia própria. E essa dualidade resulta, a meu ver, das bases económico-agrícolas em que assentou o teor de vida do arquipélago. Neste capítulo, dada a insuficiência de materiais de estudo que permitam refazer a história económica e social das ilhas, temos de preencher as lacunas com ilações tiradas da situação actual e subsidiariamente dos estudos levados a efeito no Brasil, para explicação do fenómeno brasileiro, em cuja integração actuaram os dois factores capitais da formação de Cabo Verde: o europeu e o afro-negro. (LOPES, 1936, p. 9).

Em sua primeira edição, em “Apontamento”, João Lopes estabelece o parâmetro comparativo de cultura que perpassa toda a revista; e busca definir a sociedade cabo-verdiana a partir de uma aproximação com o “fenômeno brasileiro” retratado em *Menino de engenho* (1932) e *Casa-grande & senzala* (1933):

[...] Enquanto em S. Tiago, ao grito de “navio pirata ao longe”, as fortalezas respondiam pela boca das suas peças, nas restantes ilhas homens livres e escravos fraternalmente embalavam a trouxa e fugiam para o interior, irmanados todos diante do perigo comum. José Lins do Rego dá-nos uma ideia do que seria essa colaboração perante o perigo quando, no *Menino de engenho*, descreve uma cheia, com senhores de engenho e cabras do eito fugindo de conserva.

[...]

Fisionomias antagónicas nos dois núcleos cabo-verdianos? Diferenças sem dúvida, mas que a meu ver não determinam a irreduzibilidade e impossibilidade de interpenetração cultural. A evolução tem de fazer-se, como diz Gilberto Freire para o Brasil, no sentido de todas as forças de cultura terem inteira oportunidade de expressão criadora. (LOPES, 1936, p. 9).

O texto de Lopes, para além de revelar o contato com as obras brasileiras, atribuindo-lhes legitimidade enquanto expressões culturais, também demonstra, implicitamente, a dimensão que elas alcançaram na comunidade linguística em que se inserem e a sua importância como modelo cultural que, em vez de abolir as diferenças, matizou-as em um todo coerente, valorizando o seu caráter mutável e transformador.

As sucessivas menções e alusões a escritores e obras brasileiros, sobretudo Gilberto Freyre, bem como as dedicatórias poéticas e os estudos que lhes foram concedidos pelos claridosos, de que são exemplos alguns poemas de Jorge Barbosa, como “Carta para Manuel Bandeira” (BARBOSA, 1949, p. 25); e o estudo crítico do romance *Clarissa*, de Érico Veríssimo, feito por um dos mais importantes romancistas da literatura cabo-verdiana: António Aurélio Gonçalves (GONÇALVES, 1949, p. 26-36), demonstram o profundo interesse que os brasileiros suscitavam nesses intelectuais.

Além da preocupação com os temas concernentes à identidade cabo-verdiana, a revista buscava legitimar também, como parte fundamental de sua conformação, a linguagem das ilhas através do registro e do estudo do então dialeto crioulo, que hoje possui o *status* de língua nacional ao lado da língua portuguesa. A presença de textos que recorrem à oralidade para construir seus sentidos é constante e demarca a expressividade característica de cada ilha em motivos musicais, poemas, contos e trechos de romances e novelas.

Assim, *Claridade* constitui o marco modernista cabo-verdiano por se tratar de uma publicação coesa quanto às suas intenções ideológicas (voltadas, sobretudo, para a libertação de uma espécie limbo cultural no qual se encontrava a cultura cabo-verdiana) e estéticas (que visavam assumir e exprimir o hibridismo da sociedade); e, sobretudo, por se organizar, conseqüentemente, em torno de um programa que correspondia à quebra de um padrão cultural e literário lusocêntrico.

Além disso, com a criação da revista, o grupo claridoso visava dar uma solução à falta de um órgão que desse expressividade aos intelectuais e se consubstanciasse em um “campo intelectual” autônomo, no sentido empregado por Pierre Bourdieu (2007), para se discutir as questões cabo-verdianas divorciadas dos interesses metropolitanos, dos quais se ocupava a imprensa oficial.

Sendo assim, o modernismo cabo-verdiano, içado pelo discurso claridoso, inaugura uma preocupação equiparada às obras interpretativas brasileiras em torno da construção da identidade cultural mestiça do arquipélago. Embora destituído de qualquer pretensão emancipatória no que concerne à política, o movimento ampara-se na identificação cultural projetada pelos claridosos com relação ao Brasil e sua produção intelectual e literária que, aos poucos, vai adquirindo novos contornos em obras literárias subsequentes que problematizaram questões fundamentais relacionadas à modernização, como é o caso da produção ensaística e romanesca de Henrique Teixeira de Sousa.

Assim como José Lins, Teixeira de Sousa passou por progressivo amadurecimento entre os seus pares. A obra desse autor<sup>4</sup> se ajusta às preocupações claridosas na medida em que se dispõe a formular uma interpretação da moderna identidade cabo-verdiana com base nas noções de mestiçagem e de hibridismo, que ganharam uma aceção específica relacionada à criouldade<sup>5</sup>.

Embora só tenha começado a publicar seus romances a partir da década de 1970, Teixeira de Sousa participou do movimento literário modernista promovido pela revista fundada em 1936. Primeiro, como aluno no liceu em que lecionava um dos próceres do movimento: Baltasar Lopes da Silva, seu professor e incentivador<sup>6</sup>. Depois, já contribuindo para a segunda fase da revista, com a publicação, em 1947, de uma interpretação sociológica de sua ilha natal (“A estrutura social da Ilha do Fogo em 1940”), uma das últimas a conservar as estruturas e divisões sociais conforme a sociedade cabo-verdiana colonial-escravocrata. Esse ensaio foi complementado por outro, intitulado “Sobrados, lojas e funcos: contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo” publicado na oitava edição, de 1958.

---

<sup>4</sup> Podemos situar a sua estreia literária em 1936, ano em que também vem a lume a primeira edição da revista *Claridade*. Mas Teixeira de Sousa ainda não fazia parte do grupo, tampouco das publicações da revista. Em fase escolar, o jovem Teixeira de Sousa teve como professor um dos fundadores da revista e articulador do movimento modernista em Cabo Verde: o filólogo Baltasar Lopes da Silva.

<sup>5</sup> A criouldade cabo-verdiana é definida por Gerhard Seibert (2014) em termos de miscigenação biológica resultante da convivência e interpenetração cultural europeia e africana. Na obra de Teixeira de Sousa, ela é característica imanente do “mulato”, mas o universo essencialmente dialético da cultura fez com que ela se tornasse um dispositivo essencial na configuração da moderna sociedade cabo-verdiana.

<sup>6</sup> Foi sob o incentivo literário de seu mestre que Teixeira de Sousa participou e venceu um pequeno, mas significativo para o movimento que então surgia, concurso literário que lhe rendeu a sua primeira publicação na folha liceal *Juventude*. Acima de qualquer coisa, Baltasar Lopes foi um grande incentivador da intelectualidade em Cabo Verde. E sua relação com Teixeira de Sousa é prova cabal de que ele soube conciliar a sua posição no ensino à tarefa de formar intelectuais e literatos interessados nos problemas locais. Também ao clima do liceu de São Vicente se deve o seu entusiasmo pelas novidades literárias que mergulhavam nos “problemas da terra” (LABAN, 1992, p. 163).



Interessa notar que Teixeira de Sousa não era sociólogo. Mas o seu interesse pelas questões cabo-verdianas, a sua formação neorrealista, bem como a falta de especialistas cientificamente capacitados nas ilhas para a análise sociológica, o fez se aprofundar analiticamente a respeito da formação social de Cabo Verde, de modo que os ensaios que publicou têm caráter descritivo e analítico, como se o romancista quisesse colher e divulgar informações a respeito da configuração social de sua ilha, preparando o campo para que pudesse inserir sua obra literária em um contexto social observável.

Assim como esses ensaios, também o conto “A família de Aniceto Brasão” lançado no último número da revista (1960), pode ser considerado outro de seus “laboratórios” para a realização romanesca, uma vez que explora nele também o tema da decadência dos senhores brancos, associando-o ao racismo, como reação e parte da transformação dos valores patriarcais, com o fim do regime colonial-escravocrata.

Assim, do ponto de vista documental, os ensaios e o conto supracitados podem ser considerados como levantamentos prévios para o estudo do meio cabo-verdiano, os quais serviram de esteio à reunião de elementos, conforme apregoado pela ficção neorrealista, para uma melhor formalização e sistematização da estrutura social à qual a sua obra se ligaria, tendo em vista que o romance *Ilhéu de contenda* começou a ser esboçado na mesma época em que surge o primeiro ensaio interpretativo (década de 1940), mas só foi dado como acabado pelo autor em 1974, e publicado quatro anos mais tarde.

Essa reincidência temática tornou o escritor cabo-verdiano reconhecido por abordar a decadência e a transição da sociedade cabo-verdiana do período colonial para o pós-colonial, sobretudo, pela continuidade representada pela trilogia romanesca que compôs sobre a sua ilha natal: *Ilhéu de contenda* (1978), *Xaguete* (1987) e *Na Ribeira de Deus* (1992), na qual focaliza a relação da decadência com a modernização e suas implicações culturais<sup>7</sup>.

Desse modo, assim como José Lins do Rego, Teixeira de Sousa tematizou a decadência a partir de seu lugar de origem e das relações sociais e econômicas que caracterizaram as suas regiões desde a colonização portuguesa. A análise dos dois romances nos permite, para além de compreender essas obras em particular, construir uma visão

---

<sup>7</sup> Em *Entre “sobrados, lojas e funcos”: memória e representação literária na trilogia romanesca de Henrique Teixeira de Sousa*. (2014), desenvolvemos um trabalho analítico acerca do processo narrado por Teixeira de Sousa nesses romances.

comparativa de um fenômeno mais amplo, assim como, ponderar sobre as estratégias de cada romancista para representá-lo.

Outro ponto de convergência que favorece a comparação entre *Fogo morto* e *Ilhéu de contenda* é a compatibilidade formal dessas obras quanto ao caráter de sínteses ancoradas em procedimentos narrativos memorialísticos, embora a escolha do *corpus* não tenha se processado com base nesse critério, tendo prevalecido o temático.

Nesse sentido, é crucial que levemos em conta o tratamento conjuntural que essas obras recebem de seus autores quanto ao tema. Ao comporem romances dedicados a retratar a sensibilidade dos sujeitos ligados à tradição frente ao fenômeno da modernização de suas sociedades, José Lins do Rego e Teixeira de Sousa concentraram-se, de modo até obsessivo, em construir verdadeiras alegorias literárias que podem ser tomadas como termômetros dos conflitos suscitados pelas mudanças que ele causou, em um jogo de resistência e subversão que incide sobre a expressão do indivíduo que se recusa a perder espaço na tradição. É a partir dessa tensão que buscamos extrair os sentidos da modernização nacional, entendida como processo difuso, formalizados em cada obra.

Desse modo, compreender a relação entre essas obras e o diálogo inerente às suas formulações requer que ajustemos as lentes do comparatismo, automatizadas pelo sentido quase invariável e notavelmente hierárquico que marca o eixo Norte e Sul no âmbito da denominada “tradição ocidental” que, embora pareça dar conta de um amplo domínio, diz respeito quase sempre à literatura ocidental europeia.

Porquanto, visando ampliar os horizontes interpretativos e incluir as relações entendidas como “periféricas”, porque descentradas do centro hegemônico de poder europeu, recorreremos às “epistemologias do sul”, base conceitual formulada por Boaventura de Sousa Santos (2010) no âmbito dos estudos pós-coloniais<sup>8</sup>, para incluir junto à esfera científica a construção do conhecimento e o saber a partir de um eixo distinto do europeu que focaliza as relações estabelecidas no Sul global.

Diversos aspectos do trabalho justificam a adoção dessa abordagem; mas, o mais saliente deles está na própria identificação projetada pelo discurso veiculado pela revista

---

<sup>8</sup> Nas palavras de Inocência Mata: “O pós-colonial pressupõe, por conseguinte, uma nova visão da sociedade que reflecte sobre a sua própria condição periférica, tanto a nível estrutural como conjuntural. Não tendo o termo necessariamente a ver com a linearidade do tempo cronológico, embora dele decorra, pode-se entender o pós-colonial no sentido de uma temporalidade que agencia a sua existência após um processo de descolonização e independência política – o que não quer dizer, a priori, tempo de independência real e de liberdade, como o prova a literatura que tem revelado e denunciado a internalização do outro no pós-independência.” (MATA, 2007, p. 39).

*Claridade* (1936-1960) em relação ao Brasil e às obras regionalistas brasileiras. Esse reconhecimento rendeu uma aproximação cultural e intelectual muito forte, intensa, afetuosa e que, em alguns momentos, suscitou desapontamentos. No entanto, nem por isso, ela deixa de ser importante para o redimensionamento dos estudos e da abordagem da literatura brasileira a partir de um prisma teórico pós-colonial, uma vez que, a partir dele, é possível perscrutar novos horizontes comparativos capazes de ampliar e diversificar aquela propalada prática que consiste em abordar o diálogo verticalizado entre centro e periferia, reproduzindo, muitas vezes perspectivas eurocêntricas.

Buscando demonstrar o que aqui se esboça, a tese se organiza de modo a preparar o caminho para a interpretação das obras. Sendo assim, o primeiro capítulo discute as implicações que a mudança de direção no eixo irradiador das referências literárias (que buscamos comprovar por meio de documentos e da consolidação do campo editorial brasileiro que criou possibilidade de difusão do livro nacional) produziu no campo epistemológico e como ela pode incidir, conseqüentemente, na prática da Literatura Comparada. Baseamo-nos em elementos que conduziram à ruptura das hegemonias literárias predominantes até então, em função da necessidade de construir novos paradigmas interpretativos para as sociedades em transformação frente à tendência dissolutiva do velho mundo colonial imperialista.

O segundo capítulo se dedica a tratar do modernismo brasileiro como uma manifestação da ambiguidade segundo a qual a modernização se processa no país. A diversidade interpretativa, não obstante as leituras diacrônicas que se fizeram em termos de um “projeto estético” e um “projeto ideológico,” é o elemento-chave para compreender esse processo como desigual, uma vez que ainda hoje, perdura a visão cosmopolita e urbana sobre o complexo espacial paulista e a visão tradicionalista e artesanal sobre o nordestino, que ilustram a atualidade da discussão em torno da incompletude da modernização. Outro intuito desse capítulo é traçar as linhas de força que determinaram a expansão da interpretação freyreana, baseada nas teses da mestiçagem e do hibridismo, para outros contextos culturais. Procuramos com isso, redimensionar a atuação de Gilberto Freyre no contexto cabo-verdiano, contornando alguns despropósitos e buscando extrair dos novos posicionamentos produtivos que sua visita malograda produziu.

O terceiro capítulo aborda o movimento modernista cabo-verdiano por meio da revista *Claridade*, publicação literário-cultural que alcançou autonomia estética ao traçar novas diretrizes para o campo literário no arquipélago, aglutinando os pressupostos de novos

horizontes ficcionais e, ao mesmo tempo, divulgando as obras que eram produzidas pelos seus colaboradores, de modo que, em termos de coesão da atividade intelectual e literária, a revista foi em Cabo Verde uma espécie de promotora cultural similar à constituída pelo grupo dos romancistas nordestinos e a casa editorial de José Olympio, guardadas as devidas proporções e condições específicas de cada contexto, sobretudo, econômicas. Destaca-se o esforço dos claridosos por construir um projeto identitário semelhante ao brasileiro em termos de hibridismo e mestiçagem e, também, o interesse em interpretar a sociedade, incorporando-a à tessitura da forma romanesca, princípio no qual se insere a obra de Henrique Teixeira de Sousa. O sentido percorrido permite diferenciar dois momentos da recepção do discurso freyreano pelos claridosos.

Por fim, o quarto capítulo é dedicado à análise dos romances que se orientou pelo critério da unidade espaço-temporal construída em relação às tradições e às mudanças que se operam na vida social nordestina e fogueense. Considerando a abordagem em comum desses universos em crise, a comparação consiste em focalizar as dinâmicas sociais e históricas intrínsecas às construções das personagens de cada romance, em sua relação com o espaço e com as alteridades que as cercam, bem como, em compreender por meio da própria tessitura narrativa o papel que a modernização exerce sobre o desfecho de cada obra, de modo a reconhecer, por fim, elementos particulares e gerais que sejam relevantes ao redimensionamento dessas obras para suas sociedades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, defendemos a importância de se analisar a irradiação da literatura brasileira para outros contextos culturais como modo de estimular estudos que tenham em vista os pontos de articulações modernos e os novos ângulos pelos quais ela pode ser apreendida.

As implicações de uma abordagem teórico-metodológica, nesses termos, conduzem à desautomatização da perspectiva comparativa que concebe a literatura brasileira mais como receptora e assimiladora de tendências e modelos literários de fora, do que como progenitora de seus próprios modelos passíveis de apropriação.

Buscando ampliar o quadro de referências nacionais acerca desses estudos, talvez, o maior contributo da tese para a área na qual se insere seja o laborioso levantamento documental que fortalece a ideia de uma circulação de dentro para fora. De um ponto de vista interno, por meio dele, elucidamos que esse fluxo foi incrementado pela consolidação e autonomização do campo editorial brasileiro ao acolher as novas produções intelectuais, dinamizando-as a partir de relações interpessoais que, não raro, projetavam o escritor como difusor.

A documentação arrolada, composta por cartas e recortes de artigos de jornais da época, desempenha a função de demonstrar como se configurou esse fluxo de dentro para fora das “rodas intelectuais” (SORÁ, 2011, p. 58) que criaram um clima amistoso de cooperação pela divulgação das novas obras nacionais.

É nesse clima que se situa a relação entre Ribeiro Couto e José Osório de Oliveira, escritores representantes das negociações culturais que tiveram lugar na primeira metade do século XX, como pudemos ver, em torno da legitimidade cultural e linguística do Brasil e de Cabo Verde.

Desse modo, a inserção das literaturas de língua portuguesa (no caso, especificamente, brasileira e cabo-verdiana) em Portugal foi vista como uma necessidade na medida em que a autoafirmação de suas especificidades produziu uma diferenciação em relação à matriz cultural portuguesa. Interessou-nos destacar o diálogo que caracterizou esse processo, o qual implicou na revisão de noções de hegemonia cultural e na configuração de um novo corpo de obras diversas do velho cânone europeu.

É no âmbito dessa divulgação que abordamos a apropriação e conversão de conceitos construídos pela obra de Gilberto Freyre entre os cabo-verdianos, entendendo que as

formulações do sociólogo brasileiro foram norteadoras para o processo de construção da moderna identidade cabo-verdiana pelos intelectuais claridosos, como buscamos demonstrar, ao elucidarmos os seus pontos de articulação entre a adesão e a contestação do discurso freyreano.

Considerando o alinhamento estético da obra de José Lins do Rego em relação às teses do sociólogo pernambucano, tal como foi e continua sendo lido pela crítica, compreendemos que o tema da decadência em *Fogo morto* assume uma dimensão trágica, marcada pela melancolia e pelo ressentimento de uma classe destronada. Não obstante, o progressivo distanciamento narrativo operado pelo escritor na composição de seu ciclo romanesco, permitiu-o problematizar essas relações de modo mais crítico nesse último romance, a partir do mergulho profundo em subjetividades submetidas à modernização, entendida como um processo difuso em toda a sociedade brasileira que, em grande parte, se pautou pelas relações patriarcais, das quais o Nordeste constitui exemplo emblemático.

A modernização inferiu decisivamente sobre a nova configuração social e determinou o surgimento de novos conflitos que traduzem a tensão criada pela instabilidade inerente ao capitalismo, enquanto um sistema que cria concorrências e culmina na deserção dos espaços e sujeitos que não se dobram à atualização.

O romance *Ilhéu de contenda*, de Teixeira de Sousa, por sua vez, se configura como herdeiro da geração claridosa, na medida em que busca representar a identidade social cabo-verdiana a partir dos traços que constituíram suas estruturas socioeconômicas. Nesse sentido, a decadência se traduz como parte de seu processo evolutivo que configura a dinâmica cultural do arquipélago. Além do mais, e indo além das diretrizes estético-culturais implantadas pela revista, o romancista cabo-verdiano ofereceu um aprofundamento do tema da mestiçagem, que fora um dos princípios interpretativos preconizados pelos claridosos, ao tratar das relações desiguais que caracterizaram a sociedade fogueense até a decadência dos morgados.

Assim como no romance brasileiro, essa decadência é edificada sobre noções espaciais que demarcam o enraizamento de uma noção temporal ligada à tradição. De uma perspectiva simplificada, os sobrados são, em *Ilhéu de contenda*, o que o engenho é, em *Fogo morto*: espaços que guardam e reproduzem os valores de uma tradição patriarcal fortemente ancorada em relações de poder.

Entretanto, o sentido que a modernização adquire na configuração do enredo do romance cabo-verdiano é diverso do romance brasileiro, dado que o foco narrativo segue um

princípio dinâmico, ancorado na “contenda” engendrada pela transformação, como fator responsável pela exclusão sistemática da classe morgadia da vida social da ilha e, conseqüentemente, pela conformação de relações menos hierarquizadas.

Com isso, compreendemos que a conformação do tema da decadência em *Fogo morto e Ilhéu de contenda* não diz respeito apenas a uma contiguidade temática que reflete a força com a qual a literatura brasileira (e particularmente, as obras de Freyre e de José Lins do Rego) atuou, enquanto construção imagética, na formulação da moderna identidade cabo-verdiana. Mais que isso, a comparação dessas obras permite-nos compreender que o sentido da modernização foi interpretado de maneira diversa em cada contexto. Dessa forma, Teixeira de Sousa usa dos recursos romanescos para dialogar com a interpretação do fenômeno cultural brasileiro feita por José Lins do Rego, diferenciando os seus pressupostos acerca do processo de modernização nacional a partir do prisma regionalista.

Conclui-se que a obra de Teixeira de Sousa estabelece estreita relação com a revista *Claridade*, sobretudo, porque o escritor parece ter se apropriado da constatação de João Lopes, publicada na primeira edição da revista (1936), de que haveria semelhanças entre a estrutura social cabo-verdiana das ilhas de Sotavento e o Nordeste brasileiro, para construir a sua representação romanesca, acrescentando ao discurso da semelhança veiculado pela revista, os contrastes necessários à comparação.

As diferenças interpretativas tornam-se, assim, cruciais para a definição do sentido da decadência nessas narrativas. Em suma, procuramos demonstrar que a obra de José Lins do Rego lança uma luz (mortiça e dramática) para explicar o deslocamento estrutural causado pela realidade pós-escravocrata em consciências que se ancoram, social e historicamente, no universo da tradição patriarcal, responsável, em grande parte, pela profunda hierarquização que se reproduz na desigualdade que ainda perdura no Brasil.

A fatura da obra pode ser sinalizada pela ênfase do desfecho sobre a figura de Vitorino: um idealista justiceiro, e acima de qualquer autoridade, que luta no ritmo da loucura incansável pela igualdade de direitos, em uma época em que outros lutam pela sua própria justiça, mediante a qual, podemos asseverar um ponto de vista crítico descentrado da figura senhorial e voltado para a questão do problema democrático.

Com base na figura quixotesca de Vitorino, cuja itinerância constitui o elo entre os diferentes quadros representados, José Lins projeta a igualdade de direitos como um princípio capaz de regular a vida social e assegurar o direito individual. Entretanto, para alcançá-lo, faz-se necessário superar o sistema verticalizado que caracteriza o modo de vida

patriarcal escravocrata e se atualiza na ordem moderna simbolizada pela transformação do Santa Rosa em usina, isto é, pela adequação do engenho às demandas industriais.

O ideal de igualdade serviria para demonstrar o impasse que o Brasil teria de enfrentar na transição do modo de vida tradicional para o moderno: enquanto não se alcançar a igualdade, a relação colonial-escravocrata não estará superada. A perspectiva sobre a abolição, em síntese, reflete a necessidade dessa transição e os impasses que as velhas estruturas levantaram diante de novos ideais democráticos.

Mais de meio século da publicação de *Fogo morto* (75 anos) e não se pode, porém, dizer que o Brasil seja um país que superou essas relações verticalizadas. A desigualdade ainda é caracteriza cotidianamente a realidade brasileira, contra qualquer senso de democracia. Ela está presente nas áreas rurais, onde ainda existem regimes de trabalho caracterizados por resquícios da escravidão e por condições insalubres, não obstante a existência das leis trabalhistas que foram consolidadas em 1943 (ano da publicação do romance) pelo governo de Getúlio Vargas. Está presente também nas grandes cidades, sintetizada na paisagem que produz o contraste entre os arranha-céus espelhados que refletem a imagem de morros e habitações hostis, nos carros blindados que ignoram friamente os maltrapilhos de sinaleiro.

A frieza das relações e a conversão desse divórcio de interesses em antagonismos sociais reproduz uma lógica enraizada sistematicamente no patriarcalismo secular de que trata José Lins do Rego e adaptada aos processos de modernização, daí a sua implicância social em termos estruturais.

Por sua vez, a obra Teixeira de Sousa perpassa o desenvolvimento econômico e social de sua ilha para redimensionar os sentidos que os grupos sociais alcançaram na pós-colonialidade pela superação de um racismo naturalizado no ideal eugênico da classe morgadia que desvirtuava toda possibilidade de harmonia entre os grupos étnicos que compunham a sociedade. Dessa forma, a decadência é suscitada por patologias que configuram e confirmam a degenerescência da classe branca, justamente por ter se mantido alheia às transformações.

Assim, se em *Fogo morto*, a degeneração do sistema leva os personagens à loucura, à clausura e à morte; em *Ilhéu de contenda* é a degeneração física e mental dos personagens que leva à degeneração do sistema. Nesse sentido, a decadência deve ser vista nesta obra sob dois ângulos: o individual e o coletivo. Do ponto de vista do primeiro, ela se insere em uma dimensão estética concebida, em termos naturalistas, de uma degeneração congênita que é



simbolicamente representada pelas cenas de putrefação ligadas às mulheres brancas (sobretudo Micaela e Noca), e pelos episódios em que Felisberto alcança uma dimensão grotesca, entre as atitudes infantis e o corpo de velho. No segundo sentido, a decadência dos morgados gera condições para uma dinamização que inverte a hierarquização social com a predominância econômica dos mulatos, novos donos de sobrados, com uma ênfase, portanto, no fenômeno da mestiçagem.

O destino de Chiquinho, em particular, tem grande relevância para o redimensionamento da identidade cabo-verdiana moderna. A sua libertação da figura paterna que oprime a sua condição social torna-se símbolo da libertação de Cabo Verde em relação a Portugal, significando uma espécie de alforria de uma dependência de reconhecimento que nunca se concretizou.

A preocupação em relação ao coletivo pode ser auferida pela diversidade de personagens representados. Em meio a eles, o doutor Vicente (alter ego ficcional do autor) sintetiza os ideais de uma intelectualidade comprometida e preocupada com o futuro da nação. Nesse sentido, o diálogo entre os dois médicos (Rafael e Vicente) é formalizado de modo a demonstrar um aprofundando do papel intelectual claridoso de se ocupar do seu meio. O velho médico de Santana parece reproduzir o pensamento que consolidou as preocupações da revista em dignificar a sociedade cabo-verdiana. Ao passo que Vicente, busca problematizar as questões, descobrindo por trás delas problemas que são mais essenciais para garantir a integridade individual e coletiva do arquipélago.

Com essa preocupação, sinalizada formalmente pela incorporação do ensaio sociológico ao romance, Teixeira de Sousa realiza uma abordagem romanesca, como se viu, inclinada à construção de uma síntese entre dramas coletivos e destinos individuais que configuram a sua definição da moderna identidade social cabo-verdiana.

*Fogo morto* e *Ilhéu de contenda* podem ser percebidos como narrativas complementares do tema da decadência nas sociedades derivadas do contato com o português e com a institucionalização de um sistema de práticas econômicas, sociais etc, na medida em que, uma parte do ponto no qual a outra parou: se a narrativa brasileira termina na morte decretada pela modernização, esteticamente, *Ilhéu de contenda* usa a imagem da morte e da putrefação para introduzir a modernização das relações, até então mais acentuadamente verticalizadas, a partir de uma perspectiva conflituosa e de negociação pelo sentido transformador que a mestiçagem assumiu no arquipélago.

Isso implica em visões opostas a respeito da modernização. Se ela é encarada como o principal motivo do fim das relações entre o senhor e o subalterno na obra de José Lins; na de Teixeira de Sousa, ela promove condições de superação daquela estrutura estanque dos morgadios.

Interessa destacar também que a língua regionalizada possibilita o registro diferenciado das falas dos personagens, aumentando, assim, a capacidade de caracterização individualizada, plasmando diferentes visões por meio da construção da narrativa, o que configura um princípio de unidade na diversidade, como solução estética para a representação romanesca de um universo cultural híbrido.

Assim, a pluralidade de expressões, ligada à diversidade dos personagens, contribui para a configuração de hibridismos formais entre a escrita identificada ao narrador e a oralidade das figuras representadas, havendo em alguns momentos, quando da penetração do narrador em suas consciências, uma rica fusão entre elas que transfigura a forma literária, mediante a conciliação da vertente erudita que expressa a popular ao traçar a internalização desses mundos.

Sob a perspectiva do hibridismo social, a figura de Vitorino revela-se comprometida, no romance brasileiro, com o redimensionamento da identidade e do princípio social da igualdade de direitos. Nesse sentido, a figura de Vitorino não é apenas a síntese da narrativa, por perambular por todo o enredo e ser peça-chave na solução formal da obra. Ela é também uma síntese pela sua condição socialmente híbrida, entre a nobreza e a pobreza, orientada para o futuro e para o alcance de um equilíbrio necessário, mas não concretizado na obra.

Vitorino tem na igualdade o seu princípio norteador perante as profundas desigualdades que fundamentam o exercício do poder, tanto do ponto de vista do senhor de engenho, quando do Estado (representado pela força volante do tenente Maurício) ou daquela justiça popular ligada aos cangaceiros, as quais não correspondem a necessidades gerais, mas a interesses conflitantes, cada qual procurando soluções individuais para dramas que são coletivos.

No romance cabo-verdiano, a figura conciliadora de antagonismos sociais está identificada a Chiquinho. É o seu destino que se torna paradigmático para o redimensionamento da identidade mestiça que busca reverter hierarquias, sociais e econômicas, construindo sua força na fraqueza moral dos brancos decadentes.

Não obstante os 40 anos decorridos da publicação do romance e mais de 70 de sua concepção como ideia, nas preocupações do período claridoso e certezista, a identidade do

emigrado ainda se constitui como paradigma para a melhoria e superação das condições de vida no arquipélago, em condições ainda afetadas de desenvolvimento industrial e econômico que não dá conta de abrigar toda a nação, de modo que um contingente populacional imenso reside fora dele, em comunidades cabo-verdianas como as de Boston, Providence e New Bedford, havendo inclusive hoje um cargo ministerial para cuidar dessas comunidades no estrangeiro. Em vista disso, a coesão identitária só pode se manter na diáspora mediante aquele sentido virtual e cultural (imaginado), cuja construção foi encetado pelo discurso claridoso.

## FONTES E DOCUMENTOS

Acervo pessoal de Ribeiro Couto (Correspondência (CP) e Recortes de artigos (RA)) — FCRB — Arquivo- Museu de Literatura Brasileira.

Acervo pessoal de Jorge de Lima (Recortes) — FCRB — Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. "Os ritmos do tempo em torno do engenho". In.: REGO, José Lins. *Fogo morto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

\_\_\_\_\_. *Literatura, História e Política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. "De Fogo Morto: mudança social e crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste do começo do século XX. In: *História Revista*. v. 10, nº 1. 153-182, jan/jun. 2005. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10103> Acesso em 30/09/2015.

ALMADA, José Luís Hopffer. "A ficção cabo-verdiana pós-claridosa: aspectos fundamentais da sua evolução." In: VEIGA, Manuel. (coord.) Cabo Verde: literatura e insularidade. Paris: Éditions Karthala, 1998.

\_\_\_\_\_. "Teixeira de Sousa: claridoso de segunda vaga e neo-claridoso". In.: *A Semana*. Cabo Verde, 22 Out 2006. Disponível: <http://asemana.sapo.cv/spip.php?article20502> (Acesso em 13/12/2016 às 7h35).

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Trad. De Denise Bottman, 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

ARENAS, Fernando. "Reverberações lusotropicalis: Gilberto Freyre em África". In.: *Gilberto Freyre e os estudos latino-americanos*. Ed. Joshua Lund e alcom McNee. Pittsburg: Instituto Iberoamericano, 2006. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/aler/reverberacoes-lusotropicalis-gilberto-freyre-em-africa-1-cabo-verde> e <http://www.buala.org/pt/a-ler/reverberacoes-lusotropicalis-gilberto-freyre-em-africa-2> (Acesso em 9/11/2016 às 9h40).

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. "Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição". *Tempo social*, São Paulo, v. 23, nº 2, nov. 2011. (on-line).

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo nos 20 anos em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. Livraria Eldorado Tijuca Ltda: Rio de Janeiro, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini... [et al]. 7ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BASTOS, Elide Rugai, "Iberismo na obra de Gilberto Freyre". In.: *Revista USP*, n. 38, Agosto 1998, pp. 48-57.

\_\_\_\_\_. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BOURDIEU, Pierre. "Campo intelectual e projeto criador". In: POUILLON, Jean. *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 105-145).

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOXER, Charles. *Relações raciais no império colonial português*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. "Experiência rural e urbana no romance de 30". *Terceira margem*. Rio de Janeiro, n. 16, pp. 142-156, janeiro/junho 2007.

BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. Trad. Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CALADO, Maria da Glória da Silva Simões. *Figurations réalistes dans les récits de Teixeira de Sousa*. Thèse de doctorale. Université Paris – Sorbonne/Paris IV École doctorale IV – civilisations, cultures, littératures et sociétés, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. "Um romancista da decadência". In.: *Brigada ligeira*. 3ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. 5ª ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

- CARVALHO, Ricardo Souza. "Um espelho do Brasil e de Portugal: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira". In.: *Scripta*, v. 11, n. 20, 1º sem. 2007, pp. 207-213).
- CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: Livraria Editora EdArt, 1961.
- CASTELO, Cláudia. "Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre". In.: IICT. *Blogue de História Lusófona*. Ano VI, 2011. p. 261-280.
- CHAGURI, Mariana M. *O romancista e o engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930*. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2009.
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- COMPAGNON, Olivier. "L’Euro-Amérique em question: comment penser les échanges culturels entre l’Europe et l’Amérique Latine". In.: *Nuevo mundo – Mundos nuevos*. Paris, fev. 2009, p. 1-14).
- COUTO, Ribeiro. *Sentimento lusitano*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.
- CRAVEN, David. "As origens latino-americanas do modernismo alternativo. In.: *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n. 37, 2013, pp. 137-154.
- CRUZ, Clauber Ribeiro. *A coleção de autores africanos da Editora Ática: as literaturas africanas no Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019, 317p.
- CRUZ, Inês. "Cabo Verde em tempo de censura: o descaminho do jornalismo e a missão de denúncia da literatura". In.: RIBEIRO, Margarida Calafate; JORGE, Silvio Renato. (Orgs.). *Literaturas insulares: leituras e escritas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.
- CUÉNOT, Alain. "Clarté (1919-1928): du refus de la guerre à la révolution". In.: *Cahiers d’Histoire: revue d’histoire critique*. ("Les libéralismes em question" XVIII-XXI siècles), n. 123, 2014, p. 115-136.
- D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e/ou literárias nordestinas*. Campinas: Editora Unicamp, 1987. (on-line).
- DACANAL, José Hildebrando. *Dependência, cultura e literatura*. São Paulo. Ed. Ática, 1978.
- DAMROSCH, David. *What is world literature?* Princeton University Press, 2003.
- DARNTON, Robert. "Os intermediários esquecidos da literatura". In.: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde: literatura em chão de cultura. Cotia: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

\_\_\_\_\_. "Cabo Verde e Brasil: um amor pleno e correspondido". In.: *O Marrare*, n. 9, 2008, p. 62-73.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. 1ª reimpressão. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DIMAS, Antônio. "Um manifesto guloso". *Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 13-30. (on-line).

DUARTE, Pedro. "A vanguarda modernista brasileira". In.: *Viso: Cadernos de Estética Aplicada*, n. 11. jan-jun/2012, pp. 110-120. Disponível em: [http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso\\_11\\_PedroDuarte.pdf](http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_11_PedroDuarte.pdf) (acesso em 25/11/2016).

ESPAGNE, Michel. "Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle. In.: *Genèses: Sciences sociales et histoire*. (Les objets et les choses). Année 1994, n. 17, pp. 112-121.

FERNANDES, Gabriel. *Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

FERREIRA, Manuel. *A aventura crioula: uma síntese cultural e étnica*. Lisboa: Plátano, 1973.

\_\_\_\_\_. "O fulgor e a esperança de uma nova idade." (Prefácio). In.: *Claridade: revista de artes e letras*. Ed. Fac-similar. Lisboa: ALAC, 1986, pp. XIX-XCVII.

FIGUEIREDO, Eunice. "O humor habelaisiano de Patrick Chamoiseau e Mário de Andrade". *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro: UFRJ, vol. 7, n. 2. jul/dez. 2005.

FREYRE, Gilberto. *Interpretações do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947.

\_\_\_\_\_. *O Brasil entre outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro / MEC, 1975.

\_\_\_\_\_. *Manifesto regionalista*. Recife: IJNPS, 1976.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. *Aventura e rotina*. São Paulo: É Realizações, 2010.

\_\_\_\_\_. *O luso e o trópico*. São Paulo: É Realizações, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin.” In: *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*: São Paulo, 16, pp. 67-86, 1993.

GONÇALVES, António Aurélio. “Interpretações: ‘Clarissa’ e a arte de Erico Verissimo (das notas para um estudo sobre a obra do romancista)”. In.: *Claridade: revista de artes e letras* (ed. Fac-similar), n. 4, 1947, pp. 26-36.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 5ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª edição revista e ampliada. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HAMILTON, Russell. “A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial”. *Via Atlântica*, nº 3, dez. 1999 (pp. 12-22).

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. 2ª ed. 38ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LABAN, Michel. *Cabo Verde: encontro com escritores*. I vol. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.

LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LEITE, Rui Moreira (Org.). *Correspondência: Casais Monteiro e Ribeiro Couto*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

LINS, Álvaro. “Região e tradição”. *Ciência & Trópico*. Recife. 8 (1): pp. 29-40, jan-jun. 1980.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

LOPES, Baltasar. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: apontamentos lidos ao microfone de rádio Barlavento*. Praia: Imprensa Nacional, 1956.

LOPES, João. “Apontamento”. *Claridade: revista de arte e letras* (ed. Fac-similar). n. 1, 1936, p. 9.

MARIANO, Gabriel. *Cultura Caboverdeana: ensaios*. Col. Palavra Africana. Lisboa: Vega, 1991.



MATA, Inocência. “Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas.” Dossiê “Diálogos do Sul”: *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, nº 1, jan-abr. 2014 (pp. 27-42).

MELO, Alfredo Cesar. "Hibridismos (in)domáveis: possíveis contribuições da obra de Gilberto Freyre para uma teoria pós-colonial lusófona." In.: *Luso-Brazilian Review*, vol. 51, n. 1, 2014, pp. 68-92.

\_\_\_\_\_. "Antropófagos devorados e seus desencontros: da 'formação' à 'inserção' da literatura brasileira." In.: *Literatura e sociedade*, n. 22, 2016, pp. 42-54.

MIGUEL, Salim. *Cartas d'África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MIRANDA, Adriano. “Brasil podia assumir liderança da cultura lusófona e levar ‘de carona’ outros países”. *Literatura. Ípsilon – Público*. 23 fev. de 2013. (<https://www.publico.pt/2013/02/23/culturaipsilon/noticia/brasil-podia-assumir-lideranca-da-cultura-lusofona-e-levar-de-carona-outros-paises-1585527>) Acesso 08/03/2018.

MONTELLO, José. “O romancista José Lins do Rego”. Conferência. In.: *ABL – Culto da imoralidade: Centenário de José Lins do Rego*, 15/05/2001.

NETO, Sérgio. *Colónia Mártir. Colónia Modelo: Cabo Verde no pensamento ultramarino português (1925-1965)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.

OLIVEIRA, Osório de. *Geografia literária*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

PAULA, Júlio Cesar Machado de Paula. *Manuel Bandeira e Claridade: confluências literárias entre o modernismo brasileiro e o cabo-verdiano*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, 130p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PINTO, Bruna Carolina de Almeida. *Entre “sobrados, lojas e funcos”: memória e representação literária na trilogia romanesca de Henrique Teixeira de Sousa*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2014, 130p.

PINTO, João Alberto da Costa. “Gilberto Freyre e a *intelligentsia* salazarista em defesa do Império Colonial Português (1951-1974). In: *História*. São Paulo, 28 (1), 2009, pp. 445-482. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v28n1/16.pdf> (Acesso em 12/12/2018).

\_\_\_\_\_. “Gilberto Freyre e o lusotropicalismo como ideologia do colonialismo português (1951-1974)”. In.: *Revista UFG*, Ano XI, nº 6, Jun. 2009, pp. 145-160.

PINTO, César Braga. "Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego." *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 52, 2011. (on-line).

- PORTUGAL, Francisco Salinas. "O Brasil na construção do imaginário cabo-verdiano." In.: SARAIVA, Arnaldo; TOPA, Francisco. (col.). *Actas do II Congresso Português de Literatura Brasileira*. Porto: Faculdade de Letras, 2000.
- PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Cenário com retratos: esboços e perfis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. "Repensando a história comparada da América Latina". In.: *Revista de História*, 153, 2º 2005, pp. 11-33.
- REGO, José Lins do. *Fogo morto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Meus verdes anos*. 5 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.
- RESENDE, Taciana Almeida Garrido de. "Língua crioula, intelectuais e cabo-verdianidade". *Tempos Históricos*, vol. 20, 2º sem. 2016, pp. 371-395.
- RIBEIRO, Carla Maria Correia Campos Francisco. *O Amargo Sabor do Açúcar: personagens femininas em Fogo Morto, de José Lins do Rego*. 2009. 127 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2009.
- SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In.: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. "A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo". In.: *Folha de S. Paulo*. Caderno *Ilustríssima*. 7 Set 2014.
- SANTINI, Juliana. "A formação da literatura brasileira e o regionalismo." In.: *O eixo e a roda*, 20, vol. 1, 2011. Disponível em [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/viewFile/3364/3294](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/viewFile/3364/3294) (Acesso em 27/05/2019).
- SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- SEIBERT, Gerhard. "Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias". *Afro-Ásia* 49, 2014, pp. 41-70. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0002-05912014000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912014000100002) (Acesso em 25/05/2019)
- SEMEDO, Manuel Brito. "A literatura moderna cabo-verdiana e o modelo brasileiro ou o itinerário de pasárgada." In.: GALVES, Charlotte [et al orgs.] *África- Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

SOUSA, Henrique Teixeira de. "Estrutura social da Ilha do Fogo em 1940". In.: *Claridade: revista de arte e letras* (ed. Fac-similar, n. 5, 1947, pp. 42-44).

\_\_\_\_\_. "Sobrados, lojas e funcos: contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo". In.: *Claridade: revista de arte e letras*, n. 8, 1958, pp. 2-8).

\_\_\_\_\_. *Ilhéu de Contenda*. Mem Martins: Publicações Europa- América, 1978.

\_\_\_\_\_. *Ilhéu de Contenda*. Coleção de Autores Africanos. Ed. Ática, 1984.

SOUZA, Jessé. "Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira." *Tempo social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 12(1): 69-100.

SOUZA, Raquel S. Mandanêlo. "José Osório de Oliveira e suas reflexões sobre a 'moderna' literatura brasileira". In.: *Revista Desassossego*, nº 13, Jun. 2015, pp. 100- 108.

TAVARES, Eugène. "Mestiçagem, identidade e consciência política. O caso do movimento literário caboverdiano 'Claridade'". In.: *África*. São Paulo, v. 31-32. P. 81-103, 2011/2012.

TRIGO, Salvato. *Ensaaios de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa: Vega, s/d. (década de 1980).